

Pole Dance em tirinhas: Machismo, corpo e identidade feminina

Pole Dance in comic strips: Sexism, Body and Feminine Identity

Maria Luisa Souza Mendes, Daniel Alvares Lourenço

histórias em quadrinhos, feminismo, pole dance, design da informação

O pole dance, uma forma de arte cada vez mais popular, evoluiu além de suas origens em clubes de *strip-tease* tornando-se um esporte reconhecido e respeitado. No entanto, a prática do pole dance, protagonizado em sua maioria por mulheres, muitas vezes enfrenta preconceitos por atitudes machistas. Este ensaio visa abordar essa problemática, apresentando uma coleção de tirinhas que oferecem uma perspectiva feminina sobre o pole dance e exploram seu impacto na percepção corporal dessas mulheres. Ao utilizar tirinhas como um meio para iniciar discussões sociais, os autores podem abordar questões importantes de maneira leve, estimulando o pensamento crítico. Seguindo as diretrizes estabelecidas por Scott McCloud (2008), este estudo aplica técnicas para conceituar e criar histórias em quadrinhos, incluindo princípios da narrativa visual e design de informação, sendo os resultados das tirinhas apresentados ao longo do processo de desenvolvimento. Ao analisar a interseção do pole dance, machismo e auto imagem através de uma perspectiva única, este ensaio contribui para uma compreensão mais profunda do poder transformador da expressão artística ao desafiar as normas sociais.

comic books, feminism, pole dance, information design

Pole dancing, an increasingly popular art form, has evolved beyond its origins in strip clubs to become a recognized and respected sport. However, the practice of pole dancing by female individuals often faces prejudice, rooted in chauvinistic attitudes. This essay aims to address this issue by presenting a collection of comic strips that offer a female perspective on pole dancing and explore its impact on body perception. By employing comic strips as a medium for social commentary, creators can address significant issues in a lighthearted manner, stimulating critical thinking and fostering discussions. Following the guidelines established by Scott McCloud (2008), this study utilizes specific techniques for conceptualizing and creating comic strips, including principles of visual narrative and information design. The results showcase the comic strips created throughout the developmental process. By examining the intersection of pole dancing, chauvinism, and body image through this unique lens, this essay contributes to a deeper understanding of the transformative power of artistic expression in challenging societal norms.

Anais do 11º CIDI e 11º CONGIC

Ricardo Cunha Lima, Guilherme Ranoya, Fátima Finizola,
Rosangela Vieira de Souza (orgs.)

Sociedade Brasileira de Design da Informação – SBDI
Caruaru | Brasil | 2023

ISBN

Proceedings of the 11th CIDI and 11th CONGIC

Ricardo Cunha Lima, Guilherme Ranoya, Fátima Finizola,
Rosangela Vieira de Souza (orgs.)

Sociedade Brasileira de Design da Informação – SBDI
Caruaru | Brazil | 2023

ISBN

1 Introdução

O Pole Dance é uma prática atualmente caracterizada por possuir elementos de dança, esporte e acrobacias, utilizando de uma barra metálica vertical. Em 2009, Holland e Attwood já afirmavam que o Pole Dance como exercício (pole fitness) tornou-se uma atividade física popular crescente, particularmente entre jovens mulheres.

Embora a sua popularização seja notória, ainda existe um grande estigma vinculado à imagem da modalidade e seus praticantes, predominantemente mulheres. Há um padrão majoritariamente heteronormativo na sociedade, decorrente de uma história que confere ao homem lugar de poder e tomada de decisões, definindo certos posicionamentos sociais, de acordo com gêneros. No entanto, aliadas ao crescente fomento do movimento feminista, as mulheres encontraram no pole dance uma oportunidade de expressão corporal e individual (Achôa, 2019).

Através do conhecimento da luta feminista contemporânea, as mulheres tomam consciência de si e das injustiças vividas por elas. Chimamanda (2012) argumenta que ensinamos as meninas a sentirem vergonha da condição feminina, ditando como devem agir e pensar, o que as transforma em mulheres incapazes de expor seus desejos sem culpa. Seguindo essa perspectiva, o pole dance pode entrar como um grande aliado das mulheres, trazendo outra visão de si mesmas e autoconfiança para lidar com questões externas.

Em sua pesquisa, Dimler et al (2017) “I kinda feel like wonder woman”, através de uma análise de campo, apresenta como aulas de pole dance podem enfatizar a expressão sexual nos movimentos, porém esse aspecto não deveria ser interpretado como algo negativo, a medida que se propõe uma oportunidade de autoconhecimento e respeito ao seu corpo, um espaço para que essas mulheres absorvam os atributos físicos e psicológicos que podem adquirir ao praticar a modalidade.

A necessidade de difundir os resultados dessa pesquisa, aliada à finalidade de torná-los acessíveis ao público em geral, alcançando não apenas aqueles que praticam a modalidade, resultou na escolha de utilizar tirinhas em quadrinhos como uma ferramenta de design da informação, a fim de expor as situações que aqui serão discutidas. Desse modo, nosso objetivo é desenvolver um conjunto de tirinhas a partir dos princípios da narrativa visual, apresentando a relação das mulheres com o próprio corpo e as situações de preconceito e machismo que podem enfrentar ao iniciarem nas práticas de pole dance.

As histórias em quadrinhos possuem como essência retratar hábitos humanos, situações e acontecimentos reais ou fictícios. “São um hipergênero, ou seja, um grande “guarda-chuva” que engloba outros gêneros, cada um com suas peculiaridades, como as charges, os cartuns, as tirinhas etc.” (Ramos, 2010, p.20). Sendo as tirinhas, um gênero textual amplamente conhecido e divulgado nos mais diversos suportes, podemos encontrá-las em jornais, revistas, revistas em quadrinhos (HQs), internet, dentre outros.

Para o desenvolvimento das tirinhas em quadrinhos, foram realizadas pesquisas e coleta de relatos de polerinas¹, através da elaboração de um questionário com 13 perguntas abertas, destinado a um grupo diversificado de mulheres praticantes de pole dance, da cidade de João Pessoa, Paraíba, com o propósito de ilustrar tanto as situações vivenciadas por mulheres ao praticar pole dance, sejam elas positivas ou negativas, quanto às transformações relacionadas à autoestima e a forma de se expressar na sociedade. Com base nesses relatos, tornou-se possível fundamentar a elaboração dos roteiros, introduzindo situações reais vivenciadas pelas personagens nas tirinhas.

2 A relação do design gráfico, design da informação e feminismo

O design, ao comunicar mensagens, tem a finalidade de esclarecer e facilitar a compreensão de questões presentes no mundo, seja por meio de um manual de produto ou campanhas. De acordo com Redig (2004), o design da informação é responsável por assegurar uma comunicação eficiente com o receptor, transmitindo muito mais do que apenas elementos visuais superficiais.

O profissional da área, enquanto autor de experiências que geram interações sociais, também é político, desempenhando um papel crucial em suas produções, visto que cada projeto tem sua origem necessariamente da visão de mundo e dos valores culturais que o designer incorpora, quer seja de modo consciente ou não, conforme apontado por Azevedo (2020). Essas ações e reflexões podem resultar em experiências sociais relevantes, uma vez que o design exerce um impacto significativo na sociedade e na cultura.

Por se tratar de uma ferramenta poderosa na comunicação de mensagens, que busca esclarecer e facilitar a compreensão de questões existentes no mundo, o design possui um papel semelhante ao feminismo, na medida em que ambos têm como objetivo trazer clareza às questões globais, sendo que o feminismo tem um caráter comrensivo, como apontado por Leão (2019).

Neste contexto, é válido mencionarmos a trajetória da designer Sheila Levant de Betterville, nomeada diretora do Departamento do Design Gráfico na universidade de Yale em 1990, como uma importante designer e ativista do movimento feminista. Lupton (1993, online) destaca pontos relevantes sobre Betterville.

Como uma feminista que participou do renascimento do movimento das mulheres na década de 1970 e seu refinamento crítico na década de 80, de Bretteville acredita que os valores culturalmente associados às mulheres são necessários na vida pública. Ela quer que os designers começem a ouvir diferentes vozes, e promovam maior estrutura para que outros possam ser ouvidos. Ela quer mover o design para práticas proativas ao invés de focar apenas em serviços corporativos.

Como o desejo de Betterville, na atualidade, podemos encontrar diversos coletivos de design ativista, muitos profissionais começaram a atentar para o poder do que as suas peças

¹ Termo originado pela aglutinação das palavras pole e bailarina, que se refere à mulher que pratica pole dance.

gráficas poderiam causar a nível social. Como enfatizado por Azevedo (2020), o agir político que parte do design de ativismo como agente transformador se propõe a confrontar o hábito de ver (da experiência de enxergar) no seio do cotidiano da sociedade.

Percebemos a relevância do design para propagar informações e ideias de forma mais atrativa e impactante para o público, sendo uma ferramenta aliada aos ativismos de diversos movimentos. Independentemente da técnica e recursos visuais empregados para transmitir uma mensagem, cada designer manipula suas ferramentas para criar peças que expressem suas intenções àqueles que interagem com sua obra.

Nesse sentido, o desenvolvimento das tirinhas a partir desta pesquisa também possui importância enquanto forma de ativismo em questões feministas. Através delas, serão apresentadas situações que muitas mulheres vivenciam ao se envolver com a atividade de pole dance, situações que frequentemente são desconhecidas ou que contribuem para reforçar o estigma. Esses acontecimentos emergem da construção machista da nossa sociedade, que está fundamentada em menosprezar e oprimir as mulheres.

3 O pole dance, preconceito e machismo

A opressão feminina é resultado de uma sociedade machista oriunda do patriarcado e, apesar de expressar algumas mudanças, ainda está presente, causando dor e sofrimento a milhares de mulheres por dia (Camargo, 2020). O pole dance tem suas raízes provenientes de um contexto exclusivamente machista, com o objetivo de entreter e satisfazer os desejos de homens héteros cis em ambientes propícios a eles, dessa forma existe um constante julgamento, preconceito e comparações da atividade com a intenção de diminuir e envergonhar as mulheres que praticam essa modalidade de forma recreativa, além de inferiorizar aquelas que ainda performam como strippers.

Em alguns relatos do questionário aplicado nesta pesquisa, polerinas declararam sofrer preconceito e enfrentar situações em que foram ridicularizadas de alguma forma ao revelar que praticam pole dance. Esse resultado evidencia o incômodo que muitos ainda possuem ao perceber que uma mulher tem domínio sobre o próprio corpo.

Em sua pesquisa, Holland (2010) questiona as polerinas sobre quais os aspectos negativos do pole dance, obtendo muitas respostas semelhantes que apontam para a percepção e associação das pessoas a uma atividade 'desprezível', 'de prostituição' e estigmatizada.

Apesar das conquistas dos movimentos feministas nas últimas décadas e do aumento da conscientização da sociedade para respeitar o corpo e a vida das mulheres, ainda há um longo caminho a percorrer para que todas possuam os mesmos direitos e liberdade, sem serem ridicularizadas ou diminuídas por um sistema opressor."

4 Uma breve discussão sobre os questionários e os resultados obtidos

Para compreender de que forma o Pole Dance pode afetar a vida das mulheres que o praticam, sentimos a necessidade de elaborar um questionário para coletar relatos de polerinas que vivenciam essas experiências. A aplicação deste questionário possui grande relevância para a análise de toda a pesquisa e, também, para a análise dos resultados em relação à prática, conforme o referencial teórico.

Foi elaborado um questionário básico, aplicado a um grupo de 13 mulheres que praticam pole dance, independentemente da localidade e idade. Estas descreveram a sua relação com essa prática. A partir dessas informações, foi possível identificar as diversas realidades, compreender situações que podem ocorrer com praticantes da modalidade e relacionar as semelhanças entre os relatos coletados.

Embora o movimento feminista possua diversas correntes de discussões e abordagens é importante ressaltar que não aprofundaremos o tema em sua totalidade. O escopo da pesquisa concentra-se nos aspectos vivenciados pelas mulheres entrevistadas, que praticam pole dance, e como as situações vivenciadas por elas podem ser relacionadas como consequência de uma sociedade estruturada no patriarcado.

A sociedade impõe padrões, opõe, reprime, desvaloriza e chega ao ponto de vitimar mulheres, levando-as a lutar por direitos básicos que homens brancos cis já possuem. Os movimentos feministas emergem para representar todas as mulheres, com o objetivo de alcançar a igualdade de gênero em diversos âmbitos sociais. Cada mulher possui uma realidade diante da sociedade, e a partir dessas vivências constroem-se diversos espaços de expressão. Por exemplo, a luta de uma mulher negra e de uma mulher branca apresenta especificidades distintas devido à interseccionalidade das causas; portanto, é necessário proporcionar espaço para que cada uma delas possa compartilhar sua voz.

A dificuldade que a sociedade possui em aceitar a liberdade do corpo feminino sem julgar, regrar, ou associá-lo a finalidade de prazer masculino, nos conduz a eventos como os relatos a seguir. Iremos abreviar o nome das participantes para não identificá-las nas respostas que iremos expor aqui.

A participante **C.** foi a primeira a trazer a modalidade de pole dance para o estado da Paraíba e conta que sofreu bastante preconceito nesse processo.

Quadro 1: Relato da participante C.

“fui eu que abri o primeiro estúdio de Pole na Paraíba e sofri muito preconceito. Muita gente achava que se tratava de prostituição e strip-tease, mas eu não ligava muito com o que os outros pensavam.”

Além de muitos deduzirem que qualquer escolha ou atitudes de uma mulher é um convite para invasão pessoal, como **H.** aponta em seu relato:

Quadro 2: Relato da participante H.

“Já fui chamada de vagabunda por um primo, entre diversas mensagens assediando no direct”.

O que nos faz pensar que nossos corpos nunca estão realmente livres dentro do sistema vigente, a nudez e exposição da sexualidade feminina é um presente ao patriarcado, porém a luta deve continuar para que a representatividade das mulheres se torne independente. Outros relatos também envolvem a descredibilização do pole dance como atividade física de alto rendimento, muitos vêem como apenas uma dança sensual, que não demanda esforço e energia como outros esportes. Como relata F.

Quadro 3: Relato da participante F.

“O espanto do fisioterapeuta que está tratando uma lesão que adquiri no pole. Depois disso, tenho evitado comentar com desconhecidos qual estilo de dança prático e, se perguntam, digo que é dança contemporânea”

Por outro lado, também há participantes que relatam nunca terem sofrido qualquer tipo de constrangimento em relação à prática, o que gera uma expectativa de que o estigma social do pole dance está mudando. Os benefícios que a atividade trouxe para as mulheres que o praticam também é notável nas respostas recebidas. De maneira unânime, os relatos destacam melhorias na autoestima, aspectos físicos e psicológicos, como apresentado nas respostas a seguir:

Quadro 4: Relato da participante F.

“Me ajuda a lidar com a ansiedade, me deixa mais segura, permite uma forma de eu me expressar e estou mais confiante no meu corpo e nas minhas capacidades. Isso influencia também as formas como me relaciono e como trânsito pela sociedade.”

Quadro 5: Relato da participante F.

“Me ajuda a lidar com a ansiedade, me deixa mais segura, permite uma forma de eu me expressar e estou mais confiante no meu corpo e nas minhas capacidades. Isso influencia também as formas como me relaciono e como trânsito pela sociedade.”

Quadro 6: Relato da participante P.

"Individualmente: eu tinha o hábito de que quando as coisas começavam a ficar difíceis as abandonava. Estudos, esporte, relacionamentos, entre outras coisas. Eu, simplesmente, me afastava. E o pole foi o primeiro que me desafiou a continuar. Depois dele, finalizo todos os projetos que inicio. Socialmente: me sinto parte de uma comunidade. Como não estou morando em minha cidade natal, o pole me permitiu ganhar uma família que me apoia e incentiva. E, quando ao 71 anos, meu redor tudo se tornou mais gentil, dançante e passível de superações."

Quadro 7: Relato da participante B.

"Melhora na autoestima, não sinto mais timidez ou vergonha para dançar, descobrir minha sensualidade."

Questionamos também se as participantes acreditam que exista relação do pole dance com o feminismo, todas concordaram que sim. Esse resultado reforça o desenvolvimento dessa pesquisa em um contexto prático e real. Como evidenciado nas respostas a seguir.

Quadro 8: Relato da participante A.

"Acredito que sim, pois quebra o tabu que o pole dancer é para dançar em casas noturnas e deixam de associar com strippers todas que praticam essa modalidade e que a mulher pode praticar o que quiser, exaltando a liberdade, melhorando a autoestima, autoconfiança e que toda mulher pode se sentir maravilhosa não ligando com o corpo se é gordinha ou magrinha. Eu acho o ambiente do pole dancer faz com que se sinta bem consigo mesmo é comum as mulheres desse meio exaltarem uma a outra elevando a autoestima da colega." (A.)

Quadro 9: Relato da participante F.

"Sim. É uma modalidade que bate de frente com os preconceitos da sociedade, que permite um espaço seguro para a mulher explorar suas potencialidades, que ela pode se encarar com pouca roupa independente do tipo físico e saber que não é ser gorda ou magra que vai fazê-la dançar bem ou mal, geralmente os estúdios são espaços acolhedores, de estímulo e que promovem o desenvolvimento de laços e amizades entre outras mulheres e pessoas com objetivos em comum. Até porque é difícil ver pessoas preconceituosas praticando pole dance." (F.)

Quadro 10: Relato da participante P.

"Acredito que andem lado a lado. Um complementando o outro. Ambos se apoiam em causas relativas a expressão, liberdade e equidade. E uma mulher praticante de pole se empodera de várias formas e causas."

Portanto, com base nos relatos coletados, o desenvolvimento do roteiro das tirinhas foi embasado em duas abordagens. A primeira considera a perspectiva social da prática do pole dance, debatendo tanto as visões críticas positivas quanto negativas. A segunda abordagem explora a relação das polerinas com os benefícios que essa atividade lhes proporcionou, com o objetivo de desmistificar a prática, apresentar seus aspectos positivos e até mesmo incentivar futuras pole dancers.

5 Desenvolvimento das tirinhas e metodologia

O objetivo principal das tirinhas é expor os pontos discutidos ao longo deste estudo, atuando como uma ferramenta para comunicar informações. Portanto, é crucial direcionar a atenção do leitor para as situações apresentadas. Seguindo os princípios destacados por Redig (2004), que envolvem a transmissão de informações de maneira concisa, clara e objetiva, torna-se interessante optar por um estilo de arte simplificado, que não contenha excessiva complexidade nos detalhes, como o estilo do cartum.

Como sugere Scott McCloud (1995), além de o estilo cartum causar maior identificação do leitor com os personagens, a mensagem transmitida por ele se torna mais efetiva, pois captamos apenas o necessário de toda composição presente; esse tipo de abordagem pode ser uma ferramenta eficaz em diversos meios de comunicação. O autor exemplifica essa relação devido a percepção que temos de nós mesmos, ao pensarmos no nosso próprio rosto sem visualizá-lo, obtemos uma imagem mental pouco nítida, com uma vaga ideia de elementos que o compõem, algo tão simples e básico quanto um cartum.

Como protagonistas das tirinhas desenvolvidas nesse projeto, foram criadas três personagens principais desempenhando um papel fundamental para a representação de diferentes realidades femininas. Essas personagens abrangem não apenas a diversidade de características físicas, mas também buscam atingir identificação de um público diverso, e promover reflexões sobre os estereótipos de beleza presentes em nossa sociedade. A contextualização da história e personalidade de cada personagem foi inspirada no perfil das participantes que responderam ao questionário.

Para o desenvolvimento das personagens, seguimos as técnicas de McCloud (2008), definida por três elementos principais, sendo eles: uma **vida anterior, distinção visual e traços expressivos**. Criar uma vida anterior consiste em elaborar a personalidade das personagens de forma que a sua profundidade esteja de acordo com a complexidade da

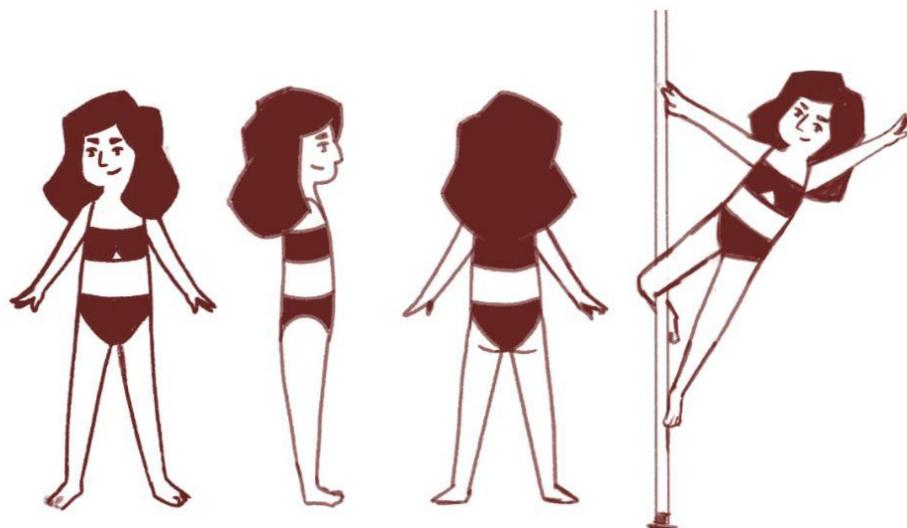
história; a distinção visual caracteriza as personagens a partir da forma, o design através das silhuetas é muito relevante para esse aspecto; os traços expressivos representam a personalidade de cada personagem por suas particularidades, como forma de agir, manias, expressões faciais, entre outros.

No caso das tirinhas faremos uma breve apresentação com pontos importantes sobre cada protagonista, envolvendo aspectos emocionais, motivacionais e inseguranças. Em seguida, iremos apresentar a ficha técnica de cada personagem, baseado nesses três principais aspectos.

História e apresentação das personagens

1. Personagem Aninha: Começou a praticar pole dance após uma amiga próxima insistir bastante, pois ela não tinha a menor ideia do que se tratava, além do que conhecia através de filmes que assistiu. Acreditava que não seria uma atividade para ela, principalmente por não se enxergar dentro do que a sociedade considera o padrão da feminilidade e sensualidade. Sentia-se muito magra, sem curvas, às vezes, até masculinizada. No início, não contou para ninguém sobre as aulas que começou a frequentar. Porém, depois de um tempo, ganhou confiança para se expor até nas redes sociais e passou a se valorizar cada vez mais.

Figura 1: Model Sheet da Personagem Aninha

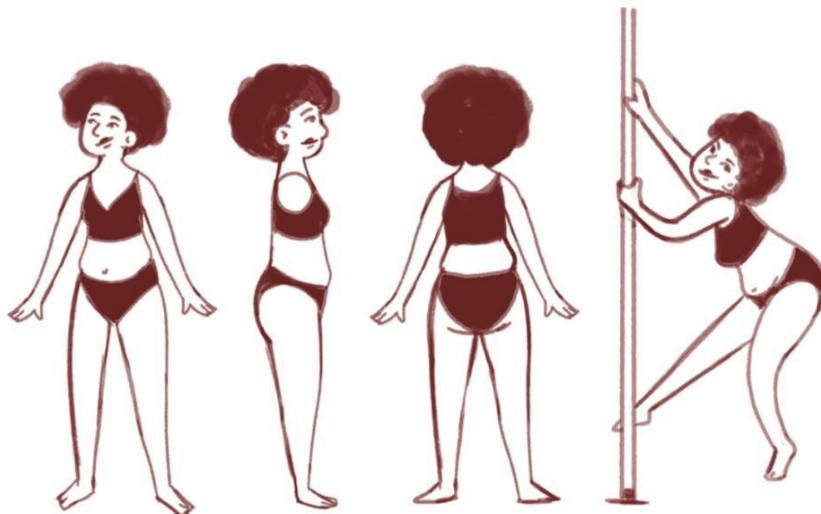


Fonte: dos autores

2. Personagem Tatá: Apesar de ser sempre muito carismática e extrovertida, Tatá possui certas inseguranças, mas não permite que elas a abalem, e logo lembra do que é capaz. Iniciou no pole dance por achar que seria ótimo um novo desafio. Através da dança, ela transmite sua força em diversos âmbitos da vida e desde então se propôs a

mostrar para todos os aspectos positivos do pole dance. Ela não cede a nenhuma provocação ou tentativa de desvalorização da sua arte.

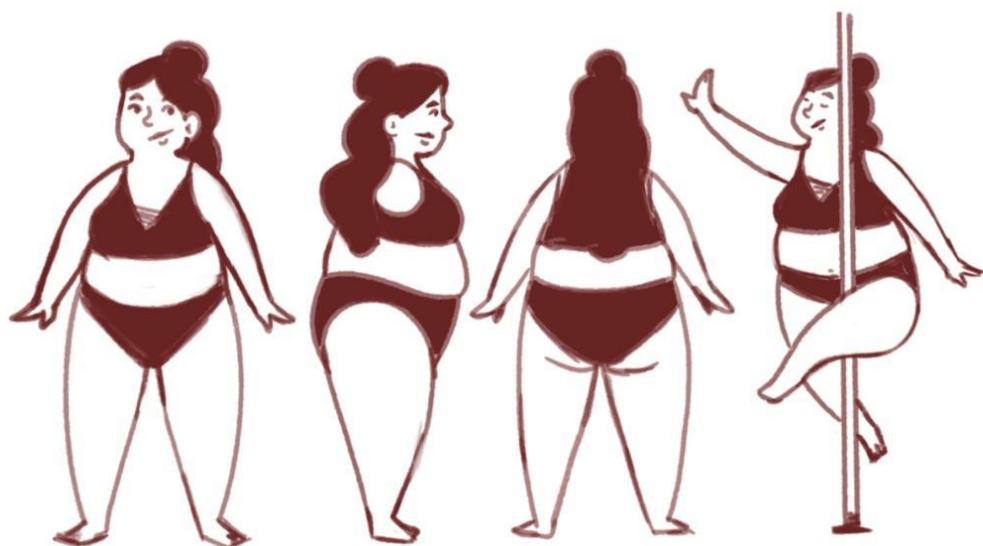
Figura 2: Model Sheet Tatá



Fonte: dos autores

3. Personagem Lu: O pole dance foi uma grande questão para Lu. Apesar de ser muito confiante, ela sempre hesitou em iniciar um esporte, pois se sentia desconfortável ao lembrar das pressões estéticas presentes na maioria desses contextos. Ambientes esportivos em geral não são acolhedores para pessoas gordas, mas ela encontrou no pole dance um espaço acolhedor. Mesmo que muitas vezes ainda existam situações inconvenientes relacionadas, principalmente, à gordofobia, a Lu busca transmitir com leveza para outras mulheres, através do pole dance, as possibilidades e a capacidade dos seus corpos."

Figura 3: Model Sheet Lu

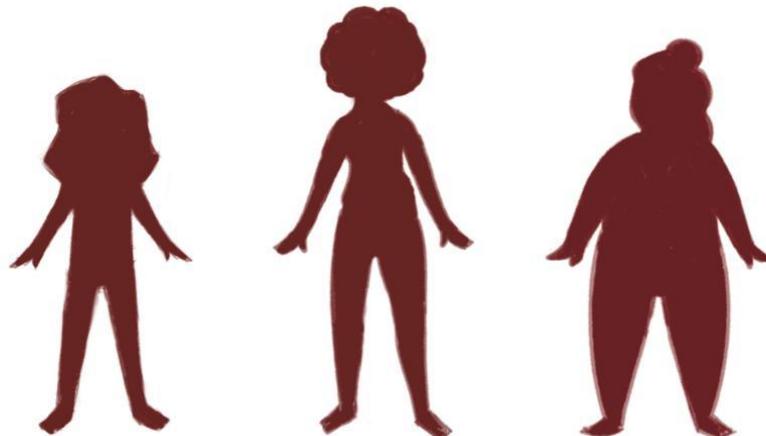


Fonte: dos autores

Distinção Visual e Traços Expressivos

A distinção visual é essencial para haver contraste entre o design de cada personagem para que sejam facilmente identificadas. É importante que exista variação na forma geral das silhuetas, para que sejam reconhecidas mesmo sem grandes detalhes.

Figura 4: Distinção visual entre as três personagens principais



Fonte: dos autores

A expressividade da personagem é essencial para enriquecer a sua personalidade, a forma como cada uma expressa suas emoções, linguagem corporal, e padrões de fala. Na Figura 5

temos um exemplo da expressão facial de cada uma para quatro emoções diferentes, sendo elas: alegria, raiva, tristeza e espanto.

Figura 5: Da esquerda para direita expressões faciais das personagens, Aninha, Lu e Tatá



Fonte: dos autores

Outras características de expressividade de cada personagem que podemos destacar estão relacionadas ao comportamento e individualidades de cada uma. Assim como McCloud (2008) sugere, esses aspectos podem se desenvolver ao longo das histórias. No caso das tirinhas, cada situação apresentada pode trazer à tona novos traços dessas personalidades. Nas figuras a seguir, temos exemplos das características principais de cada personagem.

Figura 6: Traços Expressivos Aninha



Fonte: dos autores

Figura 7: Traços Expressivos Tatá



Fonte: dos autores

Figura 8: Traços Expressivos Lu



Fonte: dos autores

Desenvolvimento do Roteiro e Layout

Foram desenvolvidas cinco tirinhas, cada uma abordando um dos cinco pontos norteadores definidos a partir das discussões apresentadas ao longo deste estudo, bem como dos relatos coletados por meio do questionário. Esses pontos são: assédio, desvalorização, estereótipo de

feminilidade, empoderamento e gordofobia. Nas imagens a seguir, são apresentados os roteiros e rascunhos de cada tirinha.

- Roteiro tirinha assédio

Quadro 11: Roteiro da tirinha sobre Assédio

Quadro 1 Personagem secundário (Homem genérico): Então você é pole dancer? Aninha: Sou sim!	Quadro 2 Personagem secundário (Homem genérico): Mostra um vídeo seu dançando aí! Aninha: Então, eu não...
Quadro 3 Personagem secundário (Homem genérico): Ah, vai dizer que tem vergonha? Aninha: Não me sinto confortável...	Quadro 4 Personagem secundário (Homem genérico): Bora sair um dia então ai você me mostra pessoalmente hehehe Aninha: Babaca!

Figura 9: Esboço tirinha sobre assédio



Fonte: dos autores

- Roteiro tirinha desvalorização

Quadro 12: Roteiro da tirinha sobre desvalorização

Quadro 1 Médico: Pronto! Agora é só repousar... Tatá: Poxa não vejo a hora de voltar a treinar.	Quadro 2 Médico: Qual esporte você faz mesmo? Tatá: Faço Pole Dance!
Quadro 3 Médico: HAHAHA Sério? Não sabia que era possível se lesionar rebolando num poste!	Quadro 4 Tatá: E eu não sabia que um médico poderia ser tão inconveniente.

Figura 10: Tirinha Desvalorização



Fonte: dos autores

- Roteiro tirinha feminilidade

Quadro 13: Roteiro da Tirinha sobre Feminilidade

Quadro 1 Aninha: Não sei como inventei isso. Aula de pole dance?	Quadro 2 Aninha: Como vou sensualizar qualquer coisa com esse corpinho que não tem uma curva?
Quadro 3 Aninha: Mas também se eu não valorizar essa bundinha que me acompanhou a vida toda... vamos lá!	Quadro 4 Aninha: Gente, mas cadê a parte de sensualizar?

Figura 11: Tirinha Feminilidade



Fonte: dos autores

- Roteiro da Tirinha Empoderamento

Quadro 14: Roteiro da Tirinha Empoderamento

Quadro 1 "Como associam o pole dance ao feminismo"	Quadro 2 Aninha: Isso meninas! A aula de hoje rendeu muitas fotos da nossa bunda para lutarmos contra o patriarcado!
Quadro 3 "Como realmente é ou deveria ser"	Quadro 4 "Uma rede de apoio feminino"

Figura 12: Tirinha Empoderamento.



Fonte: dos autores

- Roteiro da tirinha gordofobia

Quadro 15: Roteiro da Tirinha sobre Gordofobia

Quadro 1 Lu: Sempre me perguntam	Quadro 2 Lu: se o pole me aguenta
Quadro 3 Lu: sim, ele me aguenta	Quadro 4 Lu: e o seu preconceito?

Figura 13: Esboço tirinha gordofobia



Fonte: dos autores

6 Apresentação final das tirinhas

As figuras abaixo apresentam o resultado de cada tirinha, durante o processo modificações foram feitas a partir dos esboços e roteiros até a finalização.

Figura 14: Tirinha Assédio



Fonte: dos autores

Figura 15: Tirinha Desvalorização.



Fonte: dos autores

Figura 16: Tirinha da Feminilidade



Fonte: dos autores

Figura 17: Tirinha Empoderamento



Fonte: dos autores

Figura 18: Tirinha Gordofobia



Fonte: dos autores

7 Considerações finais

O resultado deste projeto alcançou seu objetivo principal ao concluir o desenvolvimento prático das tirinhas, retratando cenários frequentemente vivenciados por pole dancers. Através do questionário aplicado às polerinas, observamos que os conteúdos relacionados à problemática indicada foram validados pela amostra coletada, fundamentando assim os principais tópicos a serem tratados no roteiro das tirinhas, mantendo coerência com as questões abordadas ao longo do estudo.

O tema tornou-se cada vez mais relevante à medida que exploramos diversos aspectos relacionados ao estigma marginalizado do pole dance, destacando também a importância dos movimentos feministas e das peças gráficas que contribuem para ações sociais. As tirinhas representam uma maneira de contribuir e divulgar as percepções daqueles que praticam a modalidade e sua relação com as questões feministas.

A contínua popularização do pole dance resulta no aumento da quantidade de mulheres interessadas em ingressar na atividade. Embora haja essa contínua propagação, as polerinas ainda precisam enfrentar diversos julgamentos sociais como consequência do machismo instalado na nossa sociedade. Dessa maneira, a conscientização em diversos formatos se torna extremamente necessária para que haja maior alcance a um público diverso, permitindo que as mulheres possam exercer a atividade em segurança e livre de preconceitos.

A criação de três personagens femininas distintas, desde as características físicas até a personalidade, proporciona um maior alcance na identificação com o público abordado. Além de trazer representatividade, também retrata a realidade que vai muito além de um padrão de beleza imposto.

Este projeto foi um estudo inicial com projeção para dar continuidade ao desenvolvimento de mais séries de tirinhas. Utilizando as redes sociais como plataforma de publicação, busca-se gerar engajamento, seja ele negativo ou positivo, e também aprimorar as ideias e resultados apresentados. Esse trabalho inaugura uma nova série de produções e incentiva a compreensão de novas pautas sociais que podem ser abordadas nesse formato de linguagem.

8 Referências

- Achôa, J. de F, (2019). *A mulher escarlate: Uma exposição sobre empoderamento da mulher em espaços urbanos através do pole dance*. TCC (Graduação) - Curso de Bacharelado em Design, UFSC, Florianópolis, 144f.
<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/202421>
- Azevedo, R. P. (2020). *Design de Ativismo na quarta onda do feminismo no Brasil: análise da poética gráfica de alguns coletivos*. Dissertação de Mestrado em Artes Visuais, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 139 f. Disponível em:
<http://repositorio.ufpel.edu.br:8080/handle/prefix/6870>
- Camargo, M. (2020). *A mulher e o direito: evolução, lutas e atualidade*. TCC (Graduação) – Curso de bacharelado em Direito, UniEvangélica, Anápolis, 35 f. Disponível em:
<http://repositorio.aee.edu.br/handle/aee/16869> Chimamanda, Ngozi Adichie. Sejamos todos feministas. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. p. 1-77
- Dimler, et al. (2017). “I Kinda Feel Like Wonder Woman”: An Interpretative Phenomenological Analysis of Pole Fitness and Positive Body Image”. *Journal of Sport & Exercise Psychology*. \ v 39. 339-351. <https://doi.org/10.1123/jsep.2017-0028>
- Holland, S. (2010). *Pole dancing, empowerment and embodiment*. 1 ed. Nova Iorque: Palgrave MacMillan.
- Leão, J. T.. (2019). *Design Gráfico na Divulgação do Movimento Feminista*. Mestrado Design Gráfico e Projetos Editoriais, Universidade do Porto Belas Artes, Porto, 93 f. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/124864/2/371370.pdf>

- Leão, L. B. C. (2013). Implicaturas e a violação das máximas conversacionais: uma análise do humor em tirinhas. *Estudos de linguagem*, FAETEC, Florianópolis, v. 14, n.1, 21 f.. <https://doi.org/10.5007/1984-8420.2013v14n1p65>
- Lupton, E. (1993). *Reputations: Sheila Levant de Bretteville*. Eye Magazine, No. 8, Vol. 2. Disponível em: <https://www.eyemagazine.com/feature/article/reputations-sheila-levant-de-bretteville>
- Ramos, P.; Chinen, N. (2013). *Os pioneiros no estudo de quadrinhos no Brasil*. 1 ed. São Paulo: Criativo.
- Redig, J. (2004). *Não há cidadania sem informação, nem informação sem design*. Revista Brasileira de Design da Informação, 1(1).
- McCloud, S. (1995). *Desvendando os quadrinhos*. 1 ed. São Paulo: M. Books do Brasil Editora Ltda., 1995
- McCloud, S. (2008). *Desenhando quadrinhos*. 1 ed. São Paulo: M. Books do Brasil Editora Ltda.